

3

A psicodinâmica da família com adolescentes

No capítulo anterior, discutimos o processo de transformação da família e as aceleradas mudanças que o mundo contemporâneo presencia. Na família com adolescentes, o processo de transformação permanente da sociedade fica ainda mais evidenciado, pois a adolescência é uma fase repleta de mudanças, de transformações subjetivas, corporais e relacionais.

Roudinesco (2003) afirma que a subjetividade e a família, fundam-se nas circunstâncias históricas, culturais e sociais. Todos esses aspectos estão intimamente ligados quando abordamos o tema da família com adolescentes.

Enfocar a família implica considerar um sistema dinâmico, sempre em movimento. A família se constitui em um espaço onde se estabelecem vínculos fundamentais, tradições, crenças e costumes, que falam de um imaginário comum e que formam as missões, os legados, os pactos, as heranças e as expectativas, transmitidos de uma geração à outra.

Desse modo, enfocamos, neste capítulo, a psicodinâmica da família com adolescentes, discutindo o processo identificatório que permeia a família e as particularidades desse momento do ciclo de vida, tanto para o adolescente quanto para a sua família.

3.1 – Subjetividade e Família

Carter e McGoldrick (1995) afirmam que o grupo familiar é um sistema aberto, caracterizado por um fluxo contínuo de trocas, refletindo as constantes transformações em suas interações. A família se constitui como um sistema social de relações, estruturado pelos valores da sociedade na qual ela se insere. Segundo Sarti (1999), é a partir da família que se aprende a significar o mundo. Para a autora, a família é o lugar onde se ouvem as primeiras falas com as quais se constroem a auto-imagem e a imagem do mundo exterior. Assim, a família é o palco

ordenador e que possibilita sentidos das experiências vividas, ou seja, o alicerce da identidade. As relações e os vínculos são as bases do entendimento desse conceito, pois é a família que introduz o indivíduo no campo das relações e dos vínculos – aspectos fundamentais para o desenvolvimento subjetivo.

Reforçando a importância do grupo familiar, um modelo de compreensão da experiência individual e multicontextual, Carter e McGoldrick (1995) propõem três contextos principais: o contexto de vida familiar, o multigeracional e o sociocultural. O primeiro diz respeito à família de origem ou nuclear, o segundo refere-se às demais gerações envolvidas e o contexto sociocultural remete ao tecido social e cultural mais amplo, no qual a família está inserida.

Em sua teoria, Winnicott (1982) também aponta a fundamental ligação entre o meio ambiente e a relação familiar. O autor ressalta a importância do meio para a constituição subjetiva, que inclui a relação entre a mãe ou o cuidador e o bebê. Essa relação, inicialmente simbiótica, constitui um vínculo estruturante primordial. Com o passar do tempo, a relação simbiótica e absoluta, tal como descreve Winnicott, altera-se gradativamente para uma dependência relativa, até serem incluídas outras relações que não se limitam apenas ao núcleo familiar. Assim, outras relações passam a constituir a vida do sujeito, ou seja, ele caminha em direção à independência¹. Essas demais relações também são fundamentais para a constituição subjetiva “saudável”.

O suporte parental é essencial ao crescimento individual. Os pais favorecem o direcionamento à independência dos filhos e, com isso, destituem-se do lugar de objeto único de desejo parental, uma tarefa familiar importante.

Os vínculos familiares, sobretudo os vínculos com as figuras parentais, são os alicerces da subjetividade. A família é uma “realidade de ordem simbólica”, pois introduz o indivíduo no campo das relações e dos

¹ A independência a que Winnicott se refere, a todo o momento, diz respeito a uma independência relativa, pois, para ele, nenhum indivíduo é completamente independente. Para ser um sujeito, as relações se fazem presentes e, assim, há sempre uma condição de dependência.

vínculos. Esses aspectos constituem a subjetividade dos sujeitos (Sarti, 1999).

Puget e Berenstein (1993) descrevem a noção de vínculo que expressa a ação de unir, ligar, juntar, atar e apertar com ligaduras ou nós. Essa definição sugere uma relação estável que funciona por pares e que se dá por meio de um intercâmbio – “todo o vínculo é bidirecional” (1993, p.22). Eiguer (1985) complementa essa idéia e afirma que “é entre o eu e o outro que o vínculo se estabelece”.

As influências, tanto do grupo familiar quanto do ambiente, são fundamentais para entender a família. Esses sujeitos que a compõem, se entendidos como biopsicossociais, inserem-se no meio ambiente, “fazendo parte da cultura com suas particularidades e modos de vincularidade” (Hintz, 2007, p. 156) .

Com toda a sua complexidade, a família pode ser descrita como um lugar de aprendizado, de construção da identidade, de reconhecimento da diferença. Além desses aspectos, a consangüinidade, a filiação e a linhagem também compõem essa noção. Assim, falar de família significa referir-se às diferentes gerações. Como afirmam Carter e McGoldrick (1995), na família com adolescentes, as três gerações da família são mobilizadas pelas tensões próprias dessa etapa do ciclo de vida. São membros de diferentes idades, com diferentes modos de pensar e de educar, vivenciando diferentemente aquele momento histórico no contexto familiar. Por isso, as autoras definem esse processo como ciclo de vida familiar ou multigeracional.

O ciclo de vida é considerado, por Moré e Queiroz (2007), “um conceito integrador das fases ou etapas dos indivíduos que constituem uma família, evidenciando a trama relacional dos mesmos através dos tempos, conectando as distintas gerações que a compõem” (p. 124). Para elas, o ciclo vital individual ocorre dentro e, concomitantemente, ao ciclo de vida familiar, não sendo possível separar ambos os processos. O ciclo de vida de cada sujeito não pode ser separado do ciclo de vida da família a que ele pertence, fazendo com que todos os membros da mesma família partilhem, ao mesmo tempo, um processo individual e familiar/coletivo.

O meio familiar é formado pelo resultado das experiências de seus membros. A influência das relações entre os membros não dependem, exclusivamente, da presença física, já que as figuras parentais são internalizadas. Estas ainda sofrem influências dos valores sociais atuais, além das histórias de suas famílias de origem e do encontro entre as famílias.

As famílias possuem suas próprias leis e regras, que são alicerçadas em um sistema herdado e desenvolvido por pais e filhos. Essa relação familiar varia de acordo com cada relacionamento, com o momento histórico e com as expectativas que são transmitidas de geração a geração. Desse modo, os sentimentos envolvidos na fase adolescente dos filhos não se restringem ao difícil processo de crescimento do adolescente, mas incluem também os processos psíquicos de todos os membros da família, montando-se, assim, uma rede complexa de relações.

Para Moré e Queiroz (2007), as transições produzidas no ciclo de vida familiar “geram mudanças na percepção que as pessoas têm de si mesmas e dos outros, bem como das relações que estabelecem com outros significativos” (p.125). Assim, conclui-se que, enquanto ocorrem mudanças físicas e relacionais, durante o ciclo de vida, os processos subjetivos, obrigatoriamente, acompanham essas transformações, já que os processos subjetivos individuais não são dissociados dos familiares.

É importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que os vínculos são indispensáveis ao funcionamento psíquico, o intercâmbio entre as pessoas, no qual os vínculos se constituem, pode gerar conflitos e dificuldades. Para Moré e Queiroz (2007), o ciclo evolutivo familiar constrói-se em uma realidade baseada no dia a dia de cada família e ao longo do ciclo vital. Com o intuito de preservar a organização que cada geração constitui, tentando manter o equilíbrio da homeostase familiar, delinea-se um desafio: a convivência entre as gerações.

No interior da mesma família, avós, pais e filhos vivenciam esse processo. Cada geração é acometida por diferentes sentimentos. Estes dizem respeito a um momento histórico, a expectativas parentais e a legados familiares. O pai e a mãe revivem, na adolescência dos filhos, as

suas próprias adolescências. A interação entre pais e filhos deve alterar-se ao longo da vida, possibilitando, assim, novas formas de relacionamento.

O ciclo de vida da família com adolescentes possui suas particularidades e promove, para todos os membros envolvidos, uma completa transformação. Carter e McGoldrick (1995) apontam para a transformação do sistema familiar na adolescência e afirmam que esta fase exige mudanças estruturais e renegociações de papéis. Coates (1997), corroborando a idéia de Carter e McGoldrick, afirma que:

“... os pais além de reavaliar, analisar a sua própria adolescência e repensar sobre os pais que tiveram, enfrentam nova crise, própria do seu ciclo vital: eles se aproximam da meia idade e com isso vem a reavaliação do casamento, da carreira profissional, e surgem novas preocupações: a perda da juventude, a aproximação da velhice e, por que não dizer, a idéia de morte”. (1997, p. 41)

Carter e McGoldrick (1995) acrescentam que o ciclo de vida da família com adolescentes é um disparador de sentimentos de perda, de medo e de abandono para a maioria das famílias. Kancyper (1999) confirma essa idéia e declara:

“Não só o adolescente sofre este longo processo, mas também os pais têm dificuldades para aceitar o crescimento dos filhos, consequência do sentimento de abandono que experimentam ante a genitalidade e a livre expansão da personalidade do filho que dela surge” (p. 92)

A transição da infância para a adolescência marca uma real perda para a família – a perda da criança. Não é apenas o adolescente que sofre modificações e deixa de sentir-se como criança para transformar-se em adulto. Os pais, que estavam acostumados a relacionar-se com o filho pequenino, com um corpo e vontades de criança, deparam-se, de repente, com desejos e necessidades de um outro corpo, um corpo crescido e com vontade própria. Com tudo isso, a passagem por esta fase leva a família a adotar uma nova identidade, que também consiste em mudanças externas e internas das diferentes relações do sistema, ou seja, da sua rede vincular. Concomitantemente a isso, na maioria das

vezes, os pais estão vivenciando o envelhecimento de seus próprios pais. Nesse momento, há uma reavaliação de projetos de vida nos campos pessoal, conjugal e profissional. Pai e mãe, que antes se relacionavam apenas como um casal conjugal, inauguram a relação de casal parental, devido à chegada do primeiro filho. Com a entrada dos filhos na adolescência, as reavaliações de projetos e de sentimentos são impostas e o retorno ao casal conjugal é reconfigurado. Tal retorno possibilita uma nova relação, mas, ao mesmo tempo, pode gerar conflitos e novas reformulações.

Tanto a família quanto os próprios jovens, que são acometidos por sentimentos de insegurança e incertezas, sofrem com as mudanças da fase adolescente. Muitas transformações físicas e psicológicas estão em plena evolução. Nesse momento, tanto os pais como os adolescentes vivenciam mudanças biológicas e lutos emocionais.

Eiguer (1985) aponta que as gerações devem reformular seus papéis e que a fase adolescente confere tanto ao jovem quanto à sua família uma tarefa que, para ser desempenhada com sucesso, implica um trabalho minucioso. Para o autor, os pais e os adolescentes são confrontados com reformulações necessárias de vínculos assimétricos. Com a entrada do filho na adolescência, o adulto precisa estabelecer novos termos para a nova relação, assumindo que o adulto está, a partir de então, frente a um sujeito que, cada vez mais, se assemelha a ele.

Alguns dos principais aspectos passíveis de reformulação e de atualização, a partir da vivência da situação de crise, como a adolescência na família, são designados por Eiguer (1985): a possibilidade de se desvendarem os equilíbrios precários; o despertar de emoções e angústias; o luto pela antiga maneira de viver; as modificações das regras, a partir de então inadequadas; e, por fim, a definição de novas perspectivas.

A adolescência pode ser considerada um período de crise, momento de profundas mutações, questionamentos e incertezas. A busca da identidade pessoal norteia as atitudes do adolescente. Sentimentos de confusão, de solidão e de despersonalização fazem parte desta fase. Ao mesmo tempo em que o adolescente luta para diferenciar-se de seus

pais, o maior exemplo a ser seguido continua sendo o da família e, em especial, o do casal parental. A influência dos pais, do funcionamento do casal e as relações obtidas no núcleo familiar são, para o adolescente, referências fundamentais, o que possibilita a constituição da subjetividade. No estudo sobre as influências da percepção da conjugalidade dos pais no projeto de casamento dos filhos, Féres-Carneiro (2005) corrobora esta idéia de referência parental. Para ela, é a conjunção das histórias, passadas e presentes, que se misturam e são transmitidas aos filhos, “associadas às expectativas de futuro, conjugando as fantasias individuais dos membros da família e os mitos familiares” (p.89).

A família precisa assimilar as transformações do adolescente, com seus novos ideais e suas novas atitudes. É necessário transformar o modo de conversar com o adolescente e atualizar o que era esperado do filho, ainda criança. Com comportamentos ora adultos ora infantis, o adolescente sente-se confuso, não sabendo em que posição – adulto ou criança - é mais vantajoso estar. Tal como afirma Blos (1998),

“O lento rompimento dos laços emocionais que o adolescente tem com a sua família, a entrada em meio a receios ou excitações, numa nova vida que lhe acena, são experiências que estão entre as mais profundas da existência humana” (p.20).

Nesse momento de transformações, vivenciado pelas famílias e seus adolescentes, vivenciado por essas gerações envolvidas em um mundo cuja característica é a da transformação rápida e, muitas vezes, desorganizadora, travam-se confrontos, geram-se encontros ou desencontro das gerações? Não podemos responder a essa pergunta sem nos debruçarmos sobre o conceito de adolescência e suas implicações no campo subjetivo.

Desde os primeiros estudos de família, adolescência e infância, nota-se que, para falar sobre família de adolescentes, não se pode excluir os processos infantis, que essa fase ultrapassa, bem como o meio em que ela está inserida. Da mesma forma, não se podem afastar as mudanças entre as gerações, pois, segundo Blos (1998), “há sempre

duas gerações interligadas de maneira significativa e crucial” (p. 10). E, segundo Dolto (2004), “não se pode estudar uma faixa etária separadamente das outras com as quais vivemos continuamente” (p. 50). Deste modo, reforçando a conexão entre a família e a adolescência, dedicamos, o próximo tópico, às características da adolescência e suas particularidades.

3.2 – A adolescência

A confluência dos estudos psicológicos sobre fatores emocionais e sociais está na base do entendimento da fase adolescente. As mudanças físicas, emocionais e biológicas caracterizam a complexidade dessa fase. Pinheiro (2001) afirma que não se “pode definir a adolescência pelo viés puramente hormonal, metabólico ou de mudança corporal e, muito menos do ponto de vista de uma faixa etária” (p. 71).

Dolto (2004) assegura que a adolescência é uma fase de mutação, acrescentando que “é uma idade frágil, mas também maravilhosa” (p. 19). Durante essa fase de “mutação”, o adolescente reproduz a fragilidade de um bebê ao nascer, pois é extremamente sensível ao olhar de outras pessoas, demonstrando que, na fase da adolescência, os aspectos infantis se alternam com os aspectos adultos.

Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) afirmam que a adolescência é o momento no qual há a revivescência dos sentimentos e das relações infantis. O relacionamento entre o adolescente e seus pais, assim como com o mundo a sua volta, transforma-se e ele pode partir de uma identificação de fusão ou de simbiose, para uma identificação relacional, na qual são incluídas outras relações e vínculos, não somente dentro da família.

No estado simbiótico, o ego materno complementa o ego do bebê, tornando-o forte e estável. Corroborando a teoria winnicottiana (1975), descrita no tópico anterior, Blos (1998) afirma que:

A dependência que a criança tem dos cuidados maternos, do influxo alimentar e do estímulo do sensorio para a sua maturação normal,

todas essas condições tornam o mundo objetal um aspecto intrínseco da existência infantil (p. 165).

Dolto (2004), Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981), assim como a maioria dos autores que se dedicam a estudar a adolescência, apontam esta fase como um momento conturbado e consideram a consolidação do processo identificatório como marca central da adolescência.

A consolidação do processo identificatório pressupõe a superação da identificação narcísica, ou seja, esboça-se na capacidade do adolescente investir em novos objetos e abandonar os pais como únicos objetos de desejo, como fora outrora na infância. O suporte parental nesse momento é essencial para o jovem adolescente. Saber que ele pode recorrer à posição de dependência parental a qualquer momento, lhe traz confiança e conforto.

Segundo Winnicott (2005), crescer só é possível para o adolescente que pode assassinar os pais da infância e criar uma nova relação com eles. A família deve permitir que o adolescente saia da relação de dependência absoluta com os pais e vá em direção ao círculo social mais amplo, ou seja, em direção à independência. Esta característica familiar transmite-se de geração em geração e, como afirma Julien (2000), “pôr no mundo é saber retirar-se de modo que os descendentes sejam capazes, por sua vez, de retirarem-se também” (p.46).

Nesse processo de crescimento, há dificuldades de abandonar os objetos primários. Pinheiro (2001) afirma que o objeto a ser abandonado pelo adolescente é o mesmo que o inventou narcisicamente – seus pais.

Pinheiro (2001) corrobora a idéia de Dolto (2004), Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) e afirma que “a adolescência é a hora ‘H’ onde o que ficou para trás, aguardando uma solução, retorna para que tenha um destino” (p. 71).

Blos (1998) acrescenta que a adolescência é um passo importante na vida do sujeito, pois é o momento em que ele caminha em direção ao processo de individuação. O autor afirma que este é um momento no qual

é necessário se despedir da infância e assumir novas posturas diante da vida, o que desperta sentimentos de confusão, solidão e isolamento.

Nesse processo, há lutos que permeiam o processo identificatório na fase adolescente. Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) descrevem tal processo, incluindo a família dos adolescentes e, assim, indica a impossibilidade de falar de adolescência excluindo a família e vice-versa.

- 1- Luto pelo corpo infantil – processo pelo qual o adolescente tem que se desacostumar com um corpo marcado por traços infantis e assumir um outro corpo. O sentimento deste luto é de perda e de desorientação.
- 2- Luto pela identidade infantil – processo integrado ao luto do corpo infantil. À medida que a criança vivencia a perda do corpo infantil, ela se define e elabora sua posição frente ao gênero que assumirá, renunciando ou não à bissexualidade até então vivenciada.
- 3- Luto pelos pais e pela relação da infância – processo em que o adolescente assume diferentes posições para os pais. A relação passa a ser diferente; novas responsabilidades são exigidas e novos papéis também são delimitados.

Aberastury (1966) discrimina um conjunto de aspectos e denomina a fase adolescente como a síndrome normal da adolescência. Esta síndrome se constitui pelas seguintes características: busca da identidade e de si mesmo (momento do processo de identificação em que o sujeito recorre a um grupo ou a uma figura, por exemplo: capoeirista, *pit-boy*, dentre outros); tendência grupal - tendência natural dos adolescentes que buscam, no grupo, um continente psíquico; busca de uma uniformização frente às mudanças; necessidade de fantasiar e de intelectualizar (um mecanismo de defesa do ser humano do qual o adolescente lança mão, nesta fase, para lidar com os sentimentos). As crises religiosas e o ateísmo também podem fazer parte desta “síndrome”. O deslocamento temporal e a evolução do auto-erotismo para a genitalidade (passagem

que consiste na atividade masturbatória e no contato sensual com o sexo oposto) são aspectos que também marcam esta fase.

Como descrito até então, todas as gerações incluídas no ciclo de vida familiar, vivenciam, cada um em sua evolução vital, aspectos que estão intimamente ligados. Para Dolto (2004) “...o tempo da adolescência é todo ele entrecortado de imensas alegrias e de sofrimentos tão repentinos quanto passageiros” (p.52). A autora aproxima esta vivência a um túnel, composto por inúmeros sentimentos e que não se sabe onde termina.

Como analisado ao longo da dissertação, a família com adolescentes possui particularidades. Ela se caracteriza tanto pelas peculiaridades da instituição família como pelos processos que a fase adolescente implicam. Sendo assim, as noções: de família e de adolescência, não podem ser vistas separadamente, pois o seu processo identificatório possui relações fundamentais tal como explicitamos a seguir.

3.3 Família e identificação

Kancyper afirma que “a história do adolescente nasce antes de seu nascimento” (1999, p.85). Antes de haver uma história cronológica, há uma ordem simbólica, uma ordem lógica que precede o nascimento do bebê. A ordem simbólica é o lugar que o indivíduo ocupa antes de tornar-se sujeito, ou seja, antes de seu nascimento e de sua constituição subjetiva na fantasia parental. Esta determina uma representação narcísica dos pais, constituindo o desejo primário inconsciente e tornando o filho o representante narcísico dos pais.

Esta relação entre o casal parental e o filho, tomado como representante narcísico, é um momento importante para a fase adolescente, pois é a partir da relação que os processos identitários do adolescente podem emergir, é a partir do desejo parental que o desejo do sujeito pode aparecer.

Aulagnier (1999) corrobora essa idéia e aponta que, a partir do investimento libidinal parental, o Eu pode existir como tal, possibilitando a construção de uma história singular. Para a autora, o Eu habita e investe em um corpo marcado pela história familiar. Contudo, o sujeito não é uma vítima da história, ele também atribui significado aos eventos, convertendo-se em um agente que ressignifica retrospectivamente a sua história.

A fase adolescente é marcada pelo início de um novo relacionamento entre pais e filhos. É necessário que haja certo desligamento entre eles para que possa haver uma religação, uma aproximação em nova condição. Dessa forma, pais e filhos podem “assassinar” os pais e os filhos da infância para criarem uma nova forma de se relacionarem, nessa nova etapa do ciclo vital.

Segundo Kancyper (1999), o adolescente é o autor do processo de ressignificação que a adolescência impõe, pois cada sujeito define como ele ressignificará a sua biografia.

“... o processo identificatório é sempre complexo e põe em jogo tanto o mundo interno como o mundo externo; ativa toda uma fantasmática em seus aspectos universais e na forma que adotou a história individual, e altera os equilíbrios alcançados na luta de libido com a pulsão de morte”.
(p.89)

É importante ressaltar que há muitos aspectos envolvidos nessa fase e o desligamento, tanto para pais quanto para os filhos, não se dá de forma simples. Tal como assegura Dolto (2004), a fase da adolescência é um estado de “muda”, sendo um momento difícil tanto para o adolescente quanto para a sua família.

Na adolescência dos filhos, há a revivescência da adolescência dos pais. Para Dolto (2004), este é um momento fundamental tanto para os pais e os filhos individualmente, quanto para a relação entre eles. Os pais identificam-se com seus filhos e com as lembranças dessa fase em suas vidas e sentem-se, segundo a autora, frágeis e desamparados. No momento em que os adolescentes precisam sentir segurança e acolhimento, os pais mostram-se desamparados e incomodados.

Para o adolescente, fica claro que ele precisa distanciar-se daquilo que, até esse momento, constitui a sua fonte de segurança: suas identificações parentais e o seu ideal do ego. Matar os pais da infância significa crescer, assumir o seu lugar no mundo e reconhecer o nascimento do Eu, significando assumir também as suas incompletudes, enquanto sujeito. Já para os pais, aceitar a morte do *infans* reanima sentimentos de desamparo e abandono pela perda da fantasia que reassegurava a ilusão de alcançar, por meio de fusão, o amor eterno e imutável (Kancyper, 1999.). Desse modo, lidar com os lutos que a fase adolescente implica, não apenas pela perda do bebê, mas igualmente pelo envelhecimento do corpo jovem, que não possui mais a vitalidade de antes, reativa as incompletudes parentais.

Pinheiro (2001) corrobora essa idéia e aponta que o momento da adolescência dos filhos pode ser percebido como ameaçador. O corpo da criança cresce e transforma-se em um corpo jovem. Diferentemente deste corpo jovem, o corpo dos pais não mais cresce, envelhece. Assim, entrar na roda do tempo é tornar-se mortal, passando a vida a ser concebida na seqüência da temporalidade: passado, presente e futuro.

Sarti (2004) assegura que o adolescente é visto como um problema para os adultos e indica que o lugar designado a ele pode ter dois destinos. O primeiro refere-se ao fato de ele ser o objeto de expectativas dos pais, tendo o rumo de vida traçado previamente. E o segundo diz respeito a ser a negação das questões dos pais. O desejo dos pais é que o filho suprima aquilo com que eles não conseguem lidar, pois não sabem como fazê-lo.

Quando nos referimos aos processos que ocorrem na família com adolescentes, referimo-nos aos processos que influenciam o ciclo de vida da família como um todo, ou seja, tanto aos adolescentes quanto aos demais membros envolvidos nesta fase. Desse modo, a relação entre pais e filhos mostra-se pertinente para este estudo, principalmente quando contextualizamos essa família no mundo contemporâneo, caracterizado pela rapidez de transformações, que repercutem nos relacionamentos e formas de vinculação, dentro e fora da família.

3.4 – O relacionamento entre pais e filhos no contexto atual

Em um mundo composto por valores novos, envolvendo a quebra de tradições, as mudanças geracionais lançam dificuldades, conflitos e desencontros entre os membros da família. Wagner (2005) afirma que as idéias de como educar os filhos constituem-se historicamente e, desse modo, transformam-se, devido à evolução das crenças e dos valores da sociedade. Como exemplo disso, segundo uma pesquisa realizada por Wagner (2005), observa-se que a nova geração de progenitores concebe as condutas educativas de seus pais menos satisfatórias do que as deles.

Enfatizamos que cada relação é única e precisa ser compreendida em sua complexidade, considerando-se o contexto familiar e as circunstâncias históricas, sociais e culturais.

A diversidade das configurações familiares continua surpreendendo a sociedade, principalmente quando as gerações convivem de forma próxima, em uma cultura propensa a transformar-se com rapidez. No caso da família com adolescentes do mundo contemporâneo, diferentes gerações convivem intensamente; os antigos valores, chamados tradicionais, convivem com os novos, que se estabelecem de forma contínua. Sendo assim, as famílias precisam estar abertas ao novo, precisam reinventar seus padrões e criar novos modos de relacionamento e de vinculação.

Conforme discutido no capítulo anterior, alguns autores (Giddens, 1991; Bauman, 2004; Ruffino, 2005; Birman, 2003; Roudinesco, 2003), quando se referem às famílias e aos sujeitos do mundo contemporâneo, utilizam as seguintes expressões: esmaecimento, desorientação e desamparo. A forma como esses autores se expressam diz respeito à reação dos sujeitos frente à intensa velocidade das transformações e à queda dos referenciais, que, até então, pareciam sólidos e seguros. Ao acompanharem as exigências do mundo contemporâneo, tais referenciais tornam-se fluidos e indefinidos. Corrêa (2000), referindo-se à família com adolescentes, afirma:

“Pai e mãe sentem-se esmaecidos, confusos, ambivalentes quanto aos seus papéis e quanto aos valores a serem transmitidos. A exposição a que estamos submetidos pela avalanche de transformações sociais, culturais e econômicas acaba por alterar os códigos e os valores que são usados na formulação que possamos fazer de nós mesmos e da família” (p.130).

A posição paterna, por exemplo, é um referencial que sofre, e vem sofrendo, modificações na cultura contemporânea. Marafon (2005) contrapõe dois tempos da paternidade: o primeiro, refere-se ao pai, tradicionalmente autoritário, que visava ao controle absoluto dos filhos; o segundo, diz respeito ao pai da contemporaneidade, que busca uma relação igualitária dentro da família. Essa diferença de referencial, quanto à posição do pai, é apontada como uma dificuldade para os pais de hoje. Essa dificuldade se apresenta como uma interseção: entre o conhecido e o desconhecido. Ao mesmo tempo em que os pais não se ligam diretamente ao tradicional, ao já conhecido, não possuem uma sólida referência quanto à nova forma de relacionar-se e de educar os seus filhos.

É nesse cenário, afirma Marafon (2005), que tanto a postura do pai tradicional, hoje tão severamente criticada, quanto a postura paterna contemporânea, que idealiza a proximidade, a intimidade e a amizade entre pais e filhos, podem ter o mesmo resultado: o totalitarismo de forma perversa. Segundo a autora, em ambas as posturas, os adolescentes, desde muito cedo, precisam se responsabilizar, sem ter condições para tal, ficando presos a uma responsabilidade infantil e onipotente. Desse modo, mesmo assumindo uma postura radical, a autora acrescenta um importante questionamento: será que, mesmo com todas essas mudanças sociais, tecnológicas, vinculares e relacionais, a relação entre pais e filhos transformou-se tanto assim?

Constatamos, ao longo de nossa investigação, que há uma grande dificuldade, tanto para pais quanto para os filhos, em ultrapassar a fase adolescente. Essas dificuldades são impostas pelas especificidades do ciclo de vida da família com adolescentes. Porém, diante de significativas modificações sociais, essas dificuldades parecem se intensificar. Os pais demonstram sentir a perda dos referenciais conhecidos, a partir de sua

própria educação. As velozes transformações sociais exigem novas posturas, demandando reformulações do modo de educar, de se relacionar com seus filhos.

Roudinesco (2003) afirma que todos os pais desejam que seus filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles. Nesse sentido, fica ainda mais difícil para as famílias educar, entender e relacionar-se com os adolescentes.

Salles (2005) e Wagner (2005) ratificam a idéia de Marafon (2005) em relação à perda dos referenciais e da mudança do relacionamento entre pais e filhos, afirmando que, hoje, os jovens possuem maior liberdade. Wagner (2005) aponta que os pais têm mudado ao longo das gerações e constata que, atualmente, a educação dos filhos tende a ser menos coercitiva e autoritária, sendo mais democrática e cooperativa do que em tempos anteriores.

Para Salles (2005), os pais abandonam sua autoridade e disfarçam as suas idades com o discurso “meus filhos são meus amigos”. Em consequência disso, há uma diminuição da autoridade e do controle paternos, resultando na diminuição das diferenças geracionais. Evita-se, assim, que a criança seja lembrada de sua imaturidade e dependência e que os pais sejam lembrados de seu envelhecimento. Para Salles (2005), com a ênfase na igualdade entre os membros da família, gera-se relações entre pares, e não exigências parentais. Os limites, nesse cenário, são passíveis de discussão e não há mais normas rígidas. Para a autora, na cultura contemporânea, evitam-se os conflitos e suaviza-se o que é penoso. Dessa forma, continuamos a refletir sobre o relacionamento entre pais e filhos adolescentes, no mundo de hoje: como se dá esse relacionamento no dia-a-dia; o que será que os pais pensam a respeito?

Zorning (1999), referindo-se à abertura que os adolescentes têm para o novo, para a invenção de novas possibilidades identificatórias e para a construção, afirma: “o adolescente é a modernidade” (p.143). Nesse sentido, a autora caracteriza a adolescência como um momento no qual o sujeito é lançado a um impasse, a um confronto: o crescimento. O momento do crescimento implica assumir o papel de autor, genitor das próprias fantasias inconscientes. Nesse processo de crescimento entra

em jogo o trabalho de educar, que pode ser reconhecido pelos pais como incômodo, pois, como afirma autor, “crescer é um ato agressivo” (p. 143). Em consonância com as idéias de Zorning, Sarti (2004) aponta que o adolescente é visto como quem introduz a alteridade na família. É ele quem insere, rompe, inverte ou reafirma os discursos; ele é o produtor de abalos ao discurso original.

Dolto (2004) exemplifica essa situação, remetendo-se à forma como os adolescentes se referem aos pais, chamando-os de “velhos”. Ela chama a atenção para a percepção de que os pais vivem em um mundo velho, comparado ao mundo dos adolescentes. Estes esperam mudanças na sociedade, esperam outras motivações e outros objetivos, em um ambiente que lhes parece fechado e em estagnação. Seus pais, ao mesmo tempo em que desejam que os filhos sejam como eles, esperam algo diferente de seu tempo e idealizam, em seu projeto de vida, um futuro promissor, sem sofrimento e repleto de felicidade.

Zorning (1999) também compartilha deste ponto de vista e afirma que a única coisa que os pais proíbem é o sofrimento dos filhos. O ideal da infância e da adolescência, eleito pelos pais, desconsidera a angústia e o sofrimento dos adolescentes nesta fase, sentimentos necessários para constituição subjetiva individual.

O consumismo, aspecto valorizado do contexto contemporâneo, apresenta-se como uma composição à constituição subjetiva, na medida em que escamoteia os sofrimentos tanto dos pais quanto dos filhos. É através do valor do consumo que tenta-se amenizar os sofrimentos e frustrações no mundo contemporâneo. Tal como afirma Velho (2001), o individualismo é fortemente voltado para o consumo e o sucesso material, pois cada vez mais os projetos de enriquecimento pessoal (individual) e de ascensão social fazem parte das metas de vida dos membros das famílias.

Salles (2005) analisa os motivos do consumismo na contemporaneidade e explicita que o consumo é mais uma tentativa de igualar a criança, o jovem e o adulto. O “ter” em detrimento do “ser” apresenta à cultura contemporânea o valor dos bens materiais, que trazem felicidade à vida. Para Salles (2005), são os objetos que

demarcam relações sociais, definem o estilo pessoal, hierarquizam e discriminam grupos.

Para Bauman (2004), o consumo, a formação da família e o trabalho são aspectos privilegiados na vida das famílias contemporâneas. Esses aspectos, por sua vez, estão sendo reelaborados nos dias atuais, diante da velocidade da transformação social. O autor alude à relação entre pais e filhos na contemporaneidade e assegura que “esta é uma época em que um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional” e “quando se trata de objetos de consumo, a satisfação esperada tende a ser medida pelo custo – busca-se o valor em dinheiro” (2004, p. 59). O autor enfatiza que o valor financeiro que um filho despende para uma família, nos dias atuais, é muito alto e relaciona esse gasto, valorizado por uma sociedade consumista, a uma certa ansiedade:

“Num mundo que não oferece mais planos de carreira e empregos estáveis, assinar um contrato de hipoteca com prestações de valor desconhecido, a serem pagas por um tempo indefinido, significa, para pessoas que saem de um projeto para o outro e ganham a vida nessas mudanças, expor-se a um nível de risco atipicamente elevado e uma fonte prolífica de ansiedade e medo.” (2004, p. 60)

Salles (2005) ratifica as idéias de Bauman (2004), no que diz respeito às inseguranças geradas pelas transformações contemporâneas, e enuncia que há uma dependência prolongada dos filhos em relação aos pais. Ao mesmo tempo, os filhos dependem dos pais e estes se sentem presos e ligados aos filhos, por um tempo indeterminado.

A autora afirma que, em outros tempos, os filhos saíam da casa dos pais para morarem sozinhos, buscando privacidade. Nos dias de hoje, as famílias proporcionam privacidade dentro da casa dos pais. Assim, a dependência juvenil é prolongada por mais tempo. Salles (2005) enfatiza que as relações entre pais e filhos vêm se tornando mais igualitárias, o que significa uma maior abertura e um relacionamento mais amigável. O prolongamento da estada na casa dos pais é uma característica da sociedade contemporânea e do segmento

médio da população, contribuindo para a entrada no trabalho mais tardiamente, o que caracteriza a chamada “geração canguru” (Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004).

O prolongamento da adolescência nos dias atuais é igualmente considerado uma característica da contemporaneidade (Lins, 2000; Salles, 2005; Féres-Carneiro, Henriques & Magalhães, 2007). Os motivos pelos quais esse prolongamento ocorre são elucidados por Lins (2000). A autora avalia o contexto sócio-econômico da família de classe média, que dificulta e adia a saída dos jovens de casa. Não somente o contexto sócio-econômico influencia o prolongamento da adolescência, mas também o culto à juventude é um importante fator que contribui para este prolongamento.

O adolescente contemporâneo é denominado, por Palmeira, Mayerhoffer, Mariz e Cardoso (2006), um “espelho da cultura” (p. 158), passando a assumir um lugar peculiar em relação aos laços sociais. Desse modo, os adolescentes desejam permanecer nessa fase pelo maior tempo possível. Isso acontece devido ao fato de a sociedade criar o “mito da felicidade na adolescência, da beleza, das realizações” (Lins, 2000, p.190). Tudo o que parece bom parece estar na adolescência. O culto ao poder jovem prolonga a adolescência e contamina o comportamento dos pais.

A tendência dos adolescentes crescerem, desenvolverem-se e tornarem-se independentes sofre transformações, na sociedade contemporânea, gerando diferentes comportamentos frente à vida e na relação com os pais.

Não são apenas os filhos que desejam prolongar sua juventude, mas os pais também. Para Maraffon (2005), os pais do mundo contemporâneo podem ser chamados de “pais adolescentificados”. Para a autora, os pais de hoje confundem sua função e não conseguem exercer o seu papel. O ideal de juventude, imposto e assumido pelos sujeitos contemporâneos, produz incômodo nos pais, que não toleram as atitudes de seus filhos e não sabem o que eles demandam. Em consonância com esta idéia, Palmeira, Mayerhoffer, Maris e Cardoso

(2006) afirmam que a família encontra-se desamparada, confusa diante da tarefa de educar os filhos:

“os pais oscilam entre atitudes contraditórias, ora permissivas em excesso, ora suprimidoras em excesso, ambas referindo-se à dificuldade em colocar e propiciar a construção de limites, indispensável ao processo de desenvolvimento” (p. 160).

Para Féres-Carneiro, Henriques e Magalhães (2007), outro aspecto, que aparece como um motivo para o prolongamento da adolescência, refere-se ao fato de a família representar um lugar de proteção e de estabilidade - sentimentos não encontrados na sociedade contemporânea e nas relações que ela produz. Assim, diferentemente da descontinuidade, do individualismo, do esmaecimento e do desamparo, a nova geração pode encontrar na família, um lugar de tranquilidade. Ao mesmo tempo em que permanecem no ambiente familiar, os filhos reforçam uma atitude de não-enfrentamento dos sentimentos que todos os sujeitos vivenciam no mundo de hoje – o imprevisível e o incerto.

Silveira e Wagner (2006) apontam que a contemporaneidade traz significativas mudanças no comportamento parental frente ao processo de independência dos filhos. A “fase do ninho vazio” - etapa evolutiva familiar que se caracteriza pelo processo de independência progressiva do sujeito em relação à sua família de origem, sem rompimentos abruptos ou fugas reativas, apresenta-se, para ela de um modo diferente no mundo contemporâneo. Para a autora, a clássica idéia de várias gerações de que *“os filhos a gente cria para o mundo”*, vem sendo retardada.

Não é somente no cenário contemporâneo que os pais desejam que os filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles (Roudinesco, 2003). Sempre foi assim e sempre será, pois está na base da identificação parental. Sarti (2004) afirma que o adolescente possui dois destinos em sua relação com os pais. O primeiro é ser o objeto de expectativa do casal parental, assumir um rumo previamente traçado pelas expectativas dos pais. O segundo é ser a negação de questões

dos próprios pais, aquilo com que os pais não sabem lidar e que desejam ver suprimido pelo adolescente.

As expectativas parentais são aspectos que merecem destaque quando nos referimos à família com adolescentes. Crescer significa poder revitalizar as referências familiares, desnaturalizando-as, o que permite o processo de singularização frente aos modelos parentais. Dessa forma, todos os sujeitos precisam revitalizar as experiências familiares prévias. Esse processo envolve aspectos subjetivos individuais e familiares, ou seja, uma trama complexa de relações e desejos que promovem expectativas nem sempre atendidas e/ou superadas.

Sampaio (2004) considera as expectativas dos pais como um dos equívocos que gera conflitos durante a adolescência dos filhos. Para ele, não faz sentido “a idéia de que pais e filhos adolescentes devem estar de acordo e ter a mesma visão do mundo” (p. 33), pois as diferenças geracionais são um traço essencial da família “saudável”. Desse modo, é necessário que haja, na família, opiniões diferentes e confronto de idéias.

A família com adolescentes apresenta, em seu ciclo de vida, uma complexa trama de relações familiares. Essa mesma família, inserida em um contexto social, encontra-se ainda mais enredada, ainda mais envolvida e desorientada, em um mundo que não oferece suporte, estabilidade e segurança. A insegurança sentida pelos sujeitos, no contexto atual, não ocorre apenas pela falta de segurança social, mas também é notada a partir da sensação de deriva, da falta de compromissos, de laços afetivos sólidos, de incertezas e de instabilidades, que assolam o universo pós-moderno.

As expectativas dos pais em relação aos filhos variam de acordo com os aspectos da organização familiar, tais como o tempo histórico, as heranças, os mitos e os segredos familiares. As crenças, os valores, os costumes familiares e seus ritos podem ser facilitadores ou limitadores para os pais e os adolescentes lidarem com as situações de mudança e com as experiências emocionais desafiadoras.

As expectativas parentais também estão voltadas ao mercado de trabalho – segmento que, na contemporaneidade, mobiliza as relações familiares. A maior participação da mulher no mundo de trabalho e a visão

dos pais frente ao prolongamento da estada dos filhos em casa, em função do tempo considerado necessário para a profissionalização, são aspectos que se relacionam.

Os papéis familiares bem definidos, tal como na sociedade tradicional, vêm se diluindo. O papel da mulher não é diferente, mostra-se raro o ideal de família com a mulher apenas como dona-de-casa. A igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho é uma busca, principalmente para as mulheres da nossa sociedade, e faz parte da expectativa parental. Rocha-Coutinho (2007) afirma que as famílias educam suas filhas para competirem e crescerem profissionalmente, tornando-as competitivas, levando-as à busca do sucesso pessoal, primeiramente na escola e, em seguida, no trabalho, como os homens. Segundo a autora, ao mesmo tempo em que se espera que as mulheres sejam bem sucedidas profissionalmente, elas “ainda são treinadas para ser o sustentáculo das famílias, como esposas e mães” (p.160). Além disso, a autora mostra que há, nas expectativas parentais de hoje, a coexistência de ambas as posições: de um lado, a visão tradicional da mulher – relacionada à antiga posição patriarcal; de outro, a afirmação das revoluções, tal como o processo industrial trouxe à tona, que visam ao sucesso, à individualidade, à realização pessoal e à igualdade entre os sexos.

Diante dos sentimentos presentes na contemporaneidade, tais como o da incerteza, da insegurança, da instabilidade e da desorientação, pesquisas apontam que o mercado de trabalho é um fator que causa importantes repercussões ao convívio familiar (Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães, 2006). A geração dos pais, marcada pelos valores da durabilidade, do compromisso e da lealdade, almeja o modelo hierárquico tradicional de empresa, contrapondo-se à geração dos filhos, marcada pela perspectiva do curto prazo e caracterizada pela busca da liberdade e ausência de hierarquia. A geração dos filhos é, por sua vez, marcada pelo imediatismo, pelo provisório e pela velocidade de informação, sendo oposta aos valores da geração dos pais. Dessa forma, segundo as autoras, o discurso dos pais, referente à acomodação dos

filhos, evidencia a dificuldade de entendimento quanto à diferença entre as gerações.

A permanência prolongada dos filhos na casa dos pais e a crise econômica fazem do ambiente familiar um lugar com características diferentes das encontradas na sociedade, ou seja, é um espaço de laços duráveis, sólidos e de apoio. A permanência dos filhos não ocorre apenas devido às dificuldades econômicas de um país em crise, mas, também, devido à tentativa dos filhos de não enfrentarem a sensação de insegurança, de incerteza e de imprevisibilidade, que afeta os sujeitos do mundo contemporâneo. Da mesma maneira que os filhos procuram o aconchego do lar, visando à sensação de segurança e de conforto, os pais também se sentem ambivalentes em relação à autonomia dos filhos. Ao mesmo tempo em que querem filhos independentes, os pais contribuem para o prolongamento da dependência financeira e emocional dos filhos.

Pais e filhos confrontam-se, encontram-se e desencontram-se geracionalmente, confluindo, assim, as dificuldades, os prazeres, as conquistas e os desafios do ciclo de vida. É importante reafirmar que cada relação é única e precisa ser compreendida em sua complexidade e singularidade. Assim, dedicamo-nos, no próximo capítulo, ao estudo de campo, ou seja, uma investigação com casais com filhos adolescentes.